

## Entrevista **Carlos Chagas** por Marcos Cripa

# ELEITOR ESTÁ SEM OPÇÃO DE VOTO À PRESIDÊNCIA

Fotos: Juan Pratginestós



*Formado em Direito, o jornalista Carlos Chagas exerceu durante um ano e meio a função de promotor numa pequena cidade do interior do Rio de Janeiro. Lá, por libertar um trabalhador que roubara cinco bifés para alimentar a família, sofreu vários tipos de pressão. Começava ali, talvez, a compreensão do poder que as elites exercem sobre a sociedade. Nesta entrevista, concedida na segunda quinzena de agosto (início da crise econômica mundial), o comentarista político e diretor de jornalismo da TV Manchete de Brasília afirma que o eleitor está sem opção de voto à presidência da República. Para Carlos Chagas, Fernando Henrique empobreceu o país e não mudará os rumos de seu governo num eventual segundo mandato. “Esse negócio de que ele vai criar 7,5 milhões de empregos e empregar dinheiro no social é lorota eleitoral”. Quanto ao Lula, diz ele, ainda está devendo uma proposta econômica factível. No que diz respeito às privatizações, Chagas é enfático na defesa do patrimônio brasileiro. “Mexer na siderurgia, na produção, geração e distribuição de energia, e agora nas telecomunicações e nos transportes, é alienar a soberania nacional”, diz.*

**Adusp - Faça uma análise do atual momento eleitoral, comparando-o com as duas últimas eleições para presidente, em 89 e 94.**

**Carlos Chagas** - Ousaria repetir que a história só se repete como farsa; quer dizer, a eleição atual não tem nada a ver com 89 e nada a ver com 94. É completamente diferente. Na questão econômica, está aí a crise asiática que ninguém sabe quais serão os efeitos a curtíssimo prazo; efeitos que poderão levar de roldão não só o Fernando Henrique ou o Lula, mas todo o processo eleitoral. Todo processo político pode, de repente, levar um tombo. Não estou renunciando ditadura, não é isso, apenas o imponderável que pode nascer dessa crise. A economia pode estourar de uma hora para outra. Nesse lado econômico, portanto, é outra eleição muito diferente daquela de 89, quando o país convivia com uma inflação de 80% ao mês e não havia uma sombra no horizonte, como se tem hoje. No lado político, é outra eleição também, porque nunca houve reeleição. É a primeira vez que um presidente no exercício do poder vai se lançar candidato. Estava vendo uma entrevista que ele (FHC) deu para a Revista Manchete em 1981, quando era suplente de senador. Ele concede uma longa entrevista, na qual faz uma consideração muito importante. Fernando Henrique diz que: "conquistar o poder é um ato de competência". Agora, ele disse, sem jamais imaginar a reeleição: "manter o poder tem que ser um ato de mudança de tudo, um ato de alteração de costumes. Só assim alguém se mantém no poder". Quer dizer, inovando, renovando.

Não sei se ele usou o termo "fazendo uma revolução". Ele justifica a permanência no poder por conta de mudanças drásticas, mudanças profundas. Pergunto: isso que ele está fazendo são mudanças drásticas, são mudanças profundas? Tem uma frase do Getúlio Vargas, um pouco antes da crise de 54, numa entrevista a O Globo, que diz que as leis do mercado livre não são leis porque são ucasses, não são do mercado mas apenas de um grupo restrito que domina, e também não são livres. Ele vai ainda mais adiante e diz que, no Brasil, fracassou a experiência da lei do mercado livre, que tentaram implantar depois da guerra, porque o objetivo era aumentar as exportações e essas não aumentaram de jeito nenhum. A importação era sempre maior. E havia um segundo objetivo que é qualquer coisa igual a essas que por aí estão falando, ou seja, que a globalização vai gerar aumento de exportações. Veja que novidade, então, não tem nenhuma. Isso que se chama hoje de globalização já se falava com outro nome, com outro rótulo, na época de Getúlio; já se falava disso no tempo dos descobridores portugueses, quando encontraram o caminho das Índias. O mundo estava globalizado naquela época. Trocava-se mercadorias, especiarias, madeiras etc. Será que o mundo já não estava globalizado quando a primeira tribo de trogloditas viu que tinha outra tribo do outro lado do morro e fez um sinal de fumaça? Quem garante que, daqui a cem anos, não vamos estar trazendo minério de ferro de Marte? É aí que o mundo vai estar globalizado? Ou daqui a mil anos, quando possível-

mente vamos estar trazendo plasma de Andrômeda. Isso é muito relativo. Esse conceito é muito sacana.

**Adusp - O sr. fala da possibilidade de o Brasil levar um tombo na questão econômica em função da crise asiática. O país está maduro para enfrentar um problema dessa natureza?**

**Carlos Chagas** - Está. Por isso eu fiz essa volta toda para falar do Getúlio e da manutenção do poder. O país enfrenta as crises, é intrínseco do modelo, é estrutural esse resultado. Essa globalização não deixa outra opção, nós sempre importamos mais do que exportamos e temos um déficit público sempre ampliando-se cada vez mais. Sempre pagaremos juros mais altos para obter maiores investimentos. Esse é o modelo e o resultado a gente já sabe qual é. Tomara que essa crise não exploda a economia mas, qualquer dia desses, isso vai ocorrer porque não tem outra saída.

**Adusp - Nesse contexto, como o sr. avalia as candidaturas de Fernando Henrique, Lula e Ciro Gomes?**

**Carlos Chagas** - O Fernando Henrique está numa situação que ele tem que fugir para frente. Não pode mais recuar, apesar de o Euclides Scalco (coordenador da campanha do presidente) ter dito que o segundo mandato servirá para resgatar a imagem antiga do presidente: um homem de centro-esquerda. Eu vejo a candidatura do Fernando Henrique sem a menor possibilidade de trazer mudanças no segundo mandato. Esse negócio de dizer que

ele vai criar 7,5 milhões de empregos e vai empregar dinheiro no social é tudo lorota eleitoral. É evidente que ele sabe, e a equipe econômica também, que vai continuar essa estória de livre competição, esse negócio de dizer sempre: "vamos preparar o trabalhador para a livre competição". Mas que livre competição se o trabalhador vive entre a guilhotina e o pescoço? O resultado dessa competição nós já sabemos qual é. Por outro lado, o que o Lula apresenta de diferente? Que diagnóstico pouco menos periférico ele já fez da realidade? Ficam lá aqueles teóricos do PT... e não sei quê... Eles não traduziram isso ainda no papel. O que o Lula quer? Quer criar emprego... vai criar milhões de emprego... como? De que jeito? Vai parar com as importações? Como é que você vai aumentar as exportações? Como é que você vai tratar os juros? A dívida externa? Ele tinha que ter um elenco de umas dez respostas econômicas e mostrar: "olha, eu pretendo isso, isso e isso". Se vai dar certo ou não, ninguém sabe. Acho que o Lula está devendo ainda alguma coisa de mais concreto. E precisa parar com essa besteira na propaganda eleitoral de trocar a bandeira vermelha, que sempre foi uma bandeira de luta, pela bandeira branca da rendição.

**Adusp - O sr. acredita que transformaram a campanha do PT em algo light?**

**Carlos Chagas** - Tiveram essa intenção. Não trocaram a bandeira vermelha pela branca por maldade, para arreentar com o Lula. Não foi nada disso, foi irresponsabilidade.

Todo marqueteiro é assim, ele não tem nenhuma relação com a realidade, ele não conhece o passado, não conhece a história, ele tem as idéias geniais dele. Veja que os marqueteiros estão todos quebrando a cara. Os do FHC fazem tudo, menos colocar o Fernando Henrique nesse programa de propaganda gratuita. Aquele tempo que ele tem, deveria ser usado, pela lógica, para mostrar o que está ruim e o que vai ser me-

*É evidente que ele (FHC) sabe, e a equipe econômica também, que vai continuar essa estória de livre competição, esse negócio de dizer sempre: "vamos preparar o trabalhador para a livre competição". Mas que livre competição se o trabalhador vive entre a guilhotina e o pescoço?*

lhorado. Mas não, colocam o Pelé, a Dona Ruth, mil firulas, técnica televisiva fantástica, um negócio maravilhoso para o show do Faustão. Tem outros piores ainda, como aquele partido que inventou a rima: "quem é contra burguês, vota dezesseis", ou o doutor Enéas que vai jogar a bomba atômica. Não apareceu uma opção como a gente viu aparecer em 89, não estou emitindo juízo de valor nem certo nem errado, quando surgiu o Collor. Ele foi uma opção para os conservadores, para a direita, mas apareceu arrumadinho e empacota-

do como uma opção. Em 94, não há dúvida alguma, a opção era o Fernando Henrique. Este ano não existe opção.

**Adusp - O Ciro Gomes tentou ser esta opção?**

**Carlos Chagas** - Ele, na verdade, não foi trabalhado como deveria. Caiu de pára-quadras do governo do Ceará, que deixou para ser ministro da Fazenda. Aí brigou com o pessoal do Fernando Henrique e depois sumiu, desapareceu do país. Ou seja, ele não se tornou um nome nacional. De repente, caiu de pára-quadras para ser candidato a presidente da república. Ele ainda é perspectiva de opção, mas talvez para daqui a quatro anos. Infelizmente, essas eleições são as mais pobres que eu tenho visto. Votei na eleição de 1955, quando o Juscelino (Kubitscheck) foi eleito. Naquela ocasião, tínhamos o Juscelino, o Juarez Távora, o Ademar de Barros e ainda o Plínio Salgado. Quer dizer, pão para todos os gostos na padaria. Depois, na década de 60, tivemos uma polarização: o Jânio Quadros, que era a opção, e o general Lott, candidato do Juscelino. Aí seguiram-se as "opções" fardadas.

**Adusp - Que país pode surgir das urnas com as candidaturas que aí estão?**

**Carlos Chagas** - Vai continuar sendo o país do Fernando Henrique. É óbvio que se não houver uma mudança, se não houver um cataclismo, um inusitado qualquer, o presidente está reeleito. Eu me pergunto se ele vai conseguir, por mais quatro anos, passar a imagem de que está mudan-



*Muita coisa podia mesmo ser privatizada sem problemas. O bondinho do Corcovado, no Rio de Janeiro, ou hotéis que o Estado tinha, por exemplo. Agora, mexer na siderurgia, na produção, na geração e distribuição de energia, e nas telecomunicações e nos transportes, é não só alienar parte do patrimônio do povo, mas alienar a soberania nacional.*

do o país, de que está melhorando, e que por causa da modernidade tem de ser assim. Não, o país está empobrecendo, a economia está empobrecendo, a indústria está sucateada. Quem tem emprego, come a cesta básica, come frango, mas quem não tem pede: "me dá esse ossinho aí quando acabar". Os excluídos já são trinta milhões, os desempregados, só em São Paulo, são um milhão e quatrocentos mil. Gente que já trabalhou e não trabalha mais. Eles (membros do governo) não estão fazendo isso por maldade, não têm um Dr. Silvana maquinando coisas terríveis no porão. Eles acham que estão certos, só que estão acabando com o país, com a soberania e o patrimônio do país. Recentemente, privatizaram as telecomunicações, receberam R\$ 22 bilhões num pacote fechado, celebraram aquilo como a maior coisa do mundo. Só que, desses R\$ 22 bilhões, só entrariam em cash, ou melhor, títulos que o banco pode trocar, R\$ 7 bilhões. O resto foi a longo prazo. A equipe econômica

disse que serviria para abater a dívida econômica e não sei mais o quê. Bom, no mês de agosto, com o início da crise na Rússia, até ontem (27/8) já tinha saído do Brasil US\$ 7,5 bilhões. Entregamos as telecomunicações, a Embratel principalmente, e o dinheiro que recebemos já foi embora como fuga de capital especulativo.

**Adusp - Recentemente, o sr. disse, ironicamente, que só faltava privatizar as Forças Armadas, o Pantanal e a Amazônia.**

**Carlos Chagas** - Muita coisa podia mesmo ser privatizada sem problemas. O bondinho do Corcovado, no Rio de Janeiro, ou hotéis que o Estado tinha, por exemplo. Agora, mexer na siderurgia, na produção, na geração e distribuição de energia, e nas telecomunicações e nos transportes, é não só alienar parte do patrimônio do povo, mas alienar a soberania nacional. A Petrobrás e os Correios, muita gente não está lembrando, estão para ser privatizados. Depois que privatizarem a Petrobrás

e os Correios, só restará a Amazônia, o Pantanal, as Forças Armadas. Digo isso como brincadeira, ironia, mas é bom lembrar que quem, há algum tempo, admitisse a privatização da Petrobrás, seria preso como boateiro. A Petrobrás era intocável. Hoje, o que mais se fala é que a Petrobrás é a bola da vez. Na Argentina, privatizou-se as telecomunicações, compradas 50% pela estatal espanhola e 50% pela estatal francesa. Quer dizer, a França e a Espanha param a Argentina a hora que elas quiserem. Aqui no Brasil parece que colocaram uns intermediários para não ficar tão claro.

**Adusp - A candidatura do Lula, tendo Brizola de vice, não se opõe a tudo isso? Se não é a nova opção como o sr. disse anteriormente, pelo menos se opõe a essa onda de privatização.**

**Carlos Chagas** - O Lula parece que está amedrontado, o Brizola menos; o Lula está tomando a globalização e as privatizações como uma verdade absoluta. O Lula tem medo de dizer que vai rever as privatizações. Logo que lançaram a candidatura dupla, o Brizola disse: "vamos reexaminar, fazer uma auditoria e rever", referindo-se às privatizações. O Brizola teve de engolir o que dissera porque o PT obrigou-o a não se meter naquilo. Acho impossível o Lula reverter qualquer coisa porque está com medo. É claro que o Brizola tem uma posição que já é histórica sobre isso e se pudesse influiria.

**Adusp - Neste momento, o Mário Covas (SP), o Eduardo Azeredo (MG) e o Marcelo Alencar (RJ), to-**

**dos tucanos, estão com suas reeleições ameaçadas. Por que o Fernando Henrique não transfere prestígio aos governadores destes estados?**

**Carlos Chagas** - Os tucanos parecem que são unidos, mas na verdade é cada um por si. O Eduardo Azeredo se queixa que não foi ajudado pelo governo federal, o Covas passou os dois primeiros anos de governo dando caneladas e com o Marcelo deve ser a mesma coisa no Rio. O governo federal não se comporta partidariamente. Neste ponto, FHC lembra muito o Jânio Quadros, partido não é com ele.

**Adusp - Fernando Henrique não é homem de partido ou a coligação que ele fez não permite que ele seja ligado ao partido?**

**Carlos Chagas** - Ele não quer, há uma fogueira das vaidades dentro do partido e ele não vai estar acendendo a vela de outros companheiros. Ele é muito personalista e, por outro lado, precisou fazer essa frente de partidos que o apóia. Ele adora quando o PFL dá um safanão num tucano qualquer. Ele não vai ao palanque de uma porção de tucanos, mas isso não é defeito porque no Brasil ninguém é homem de partido.

**Adusp - Isso também vale para o PT?**

**Carlos Chagas** - O PT é diferente, ainda procura cultivar um espírito partidário. Porém, é um horror. Abriga, no mínimo, 13 alas no seu interior.

**Adusp - Quem manda no governo, FHC ou ACM?**

**Carlos Chagas** - É o Fernando

Henrique. O ACM manda no varejo, uma nomeação aqui, outra ali; quem define as linhas do governo, não há dúvida nenhuma, é o próprio Fernando Henrique. Ele é tão esperado que, para cada interlocutor, tem uma conversa. Muitas das coisas que nós conversamos aqui, não com esse tom, eu já conversei com o presidente, e ele diz: "você tem razão, é isso mesmo, vamos pensar". Entra um cara da extrema direita e ele concorda com tudo... e só faz o que quer.

**Adusp - No futuro, quando for feita a reeleitura deste governo, será possível atribuir a responsabilidade do que tiver acontecido à coligação PSDB/PFL?**

**Carlos Chagas** - Não, trata-se de uma coligação fisiológica. Qual é o grande projeto ou campanha popular que essa coligação levantou? Nenhuma. Sua excelência vai ter de assumir a responsabilidade total do que tiver acontecido neste período.

**Adusp - A população se mostra apática, sem poder de reação. Isso está se dando por culpa dos políticos, da própria sociedade ou das mudanças na ordem político-econômica mundial?**

**Carlos Chagas** - Ninguém é culpado; a verdade é que, mais uma vez, a elite está ganhando de uma forma absoluta. Depois da queda do muro de Berlim, a partir do fim da existência de uma bipolarização, ela está reinando de forma absoluta. Os representantes da elite impõem coisas, agora em 1998, que não ousariam pensar em 1950 e 1960, a exemplo da extinção dos direitos sociais. Vejamos,

no Brasil, a jornada de trabalho de 8 horas, uma grande conquista do trabalhador: qual é o trabalhador que trabalha 8 horas hoje? Só aquele que o patrão não quer que ele faça hora-extra; professor, operário e outros, se puderem, trabalham mais. O salário mínimo, que era para sustentar minimamente um trabalhador, hoje é de R\$ 130,00, que não sustenta ninguém. A aposentadoria e a pensão, que foram criadas a partir da revolução de 30, estão cada vez mais desvinculadas do salário. Esses direitos, assim como a proteção ao trabalho do menor e da gestante, estão sendo desfeitos por emendas constitucionais diretas ou pela prática. Isso está acontecendo porque prevalece no mundo inteiro a mentalidade de que não há mais adversário. A elite da Nova Roma está absoluta. Então, votar pra quê?

**Adusp - A elite conseguiu implantar um projeto que gera acomodação e medo no trabalhador?**

**Carlos Chagas** - Um projeto que humilha a força de trabalho, enfraquece as corporações e infiltra. Basta dizer que, outro dia, vieram aqui em Brasília o Medeiros e o Paulinho (Força Sindical) para hipotecar solidariedade a quem está fazendo isso tudo ao trabalhador. Dá para entender? Apesar disso tudo, ainda estão apoiando. Fazem isso porque estão com medo de que venha coisa pior. Então, aceitam o contrato temporário de trabalho, que é uma excrescência. É a inversão total dos direitos; os direitos estão saindo pelo ralo.

**Adusp - O sr. diz que não existe nada de novo no campo político no Brasil e que a realidade é extremamente opressora aos trabalhadores. Como, então, enfrentar esta situação? Existe algum caminho?**

**Carlos Chagas** - Não se pode imaginar que tudo está perdido. Como tudo no mundo tem a antítese e a síntese, estamos passando um período bravo, de sufoco, mas é evidente que alguma coisa vai surgir disso. Jamais será a Terceira Via, do Tony Blair, ou a social-democracia, já que a máscara caiu no mundo inteiro. Alguma coisa surgirá, não de algum formulador, mas do que está acontecendo na prática já. Vai acontecer alguma coisa que possa dar formação ideológica a esse vazio.

**Adusp - Faça uma avaliação do Congresso Nacional nos últimos quatro anos. É preciso não esquecer que o presidente aprovou praticamente todos os projetos de interesse do executivo.**

**Carlos Chagas** - Devemos lembrar que o Congresso também aprovou o confisco da caderneta de poupança, quando o Collor assumiu a presidência. O Congresso aprovou todas as medidas provisórias do Collor, que eram aquele horror. O Congresso aprova qualquer coisa desde que o poder executivo saiba manobrar. Infelizmente é daquela forma do é dando que se recebe. Quanto custou a aprovação da emenda da reeleição? Em dinheiro, muita coisa, mas tem mais: em favores, nomeações e ajeitamento de situações de amigos. Teve denúncias aí aos montes, algumas até concretas, que evidentemente não deram

em nada porque a maioria é parlamentar. O Congresso aprova qualquer coisa se a pessoa souber levá-lo. Não pode bater de frente nem dizer que está contra, mas quem tem o Diário Oficial na mão tem tudo para fazer, se souber fazer.

*No tempo dos militares a mídia viu o mundo dividido entre mocinhos e bandidos. Os bandidos eram eles, que censuravam, processavam e até matavam, e os mocinhos éramos nós, que sofríamos censura etc. Agora, esses que estão aí, os globalizantes, são muito mais inteligentes, eles colocaram em prática uma estratégia que anula qualquer tipo de oposição.*

**Adusp - Como a população, na outra ponta, pode virar essa mesa?**

**Carlos Chagas** - De vez em quando, o mundo anda prá frente, Graças a Deus! De vez em quando, alguns episódios pouco diferentes da rotina ganham as ruas. E de repente, ninguém sabe como, mobiliza a sociedade momentaneamente. A sociedade já tem atuado, como na morte do Getúlio, em 54. Estavam a mídia toda e as elites contra, e o homem dá um tiro no peito. De repente, a massa vai para a rua, milhões de pessoa na cidade gritando "Getúlio... Getúlio". Aquela manifestação serviu para evitar o golpe que já es-

tava na agulha e que só veio dez anos depois. Veja que a sociedade, de vez em quando, se mobiliza e consegue algum resultado. O mesmo se deu no episódio das "Diretas já" e no Impeachment do Collor. Uma denúncia aqui, outra ali, e de repente o povo na rua exigindo uma posição dos parlamentares. O Congresso, nos grandes momentos, jamais foi contra a sociedade, pois ele sabe que se for, está arrebitado.

**Adusp - O sr. vislumbra alguma possibilidade de explosão social em função do quadro de desemprego no país?**

**Carlos Chagas** - Não de forma organizada, não há organização nenhuma para ela, porém nós sempre vivemos de inusitados e pode vir um inusitado qualquer. Pode vir alguma coisa que determine o povo na rua, em cima do Congresso e mude isso tudo. Mas isso não virá sozinho, a situação está mais grave em outras regiões como na África, na Ásia e na Rússia. Tenho a impressão de que vamos ficar a reboque dessa história.

**Adusp - Qual o papel e como tem se comportado a mídia nesse processo todo, inclusive em relação ao presidente Fernando Henrique?**

**Carlos Chagas** - No tempo dos militares, a mídia viu o mundo dividido entre mocinhos e bandidos. Os bandidos eram eles, que censuravam, processavam e até matavam, e os mocinhos éramos nós, que sofríamos censura etc. Agora, esses que estão aí, os globalizantes, são muito mais inteligentes, eles colocaram em prática uma estratégia que anula qualquer tipo de oposição. Even-

tualmente, gritamos aqui ou ali. Repare que Estadão, Folha e Jornal do Brasil fazem editoriais e mais editoriais pedindo a entrada de capitais estrangeiros nas telecomunicações, nisso e naquilo, mas não falam da entrada de capital estrangeiro na mídia. A Constituição proíbe estrangeiros de serem proprietários de empresas jornalísticas e nenhum deles levantou essa discussão. Trata-se de reserva de mercado. As empresas que vão bem, como Estadão, Globo, Folha, Editora Abril, RBS (Rio Grande do Sul) e o Silvio Santos, o governo cooptou oferecendo benesses, oferecendo favores. Olha a ironia: na ditadura do Estado Novo, o governo cooptou os jornais estabelecendo um monopólio de importação de papel, ou seja, comprando por cem e vendendo por cinquenta para os jornais. A chantagem é a mesma, quer dizer, oferece grandes negócios para a mídia que vai bem. Agora, da mídia que vai mal, que tem dívidas, como Jornal do Brasil, Manchete e outros, eles cobram a dívida. Então o que acontece? Eles têm a unanimidade. Aqui e ali coloca-se ainda uma lasquinha, depois passa-se alguns dias sem criticar. Eles não estão perseguindo como os militares, não estão perseguindo pessoalmente as pessoas, mas você sabe que tem um espaço limitado, senão prejudica a sua empresa. Se se colocar uma linha de oposição política na TV, no rádio ou na revista, a empresa vai sofrer, vai deixar de ter publicidade. Eles são muito mais inteligentes que os militares. Quando se imaginaria que a Folha, que briga no varejo, iria se acoplar tanto nesse modelo como está acoplada?

**Adusp - Como se dá a relação da imprensa com o poder? A imprensa que passa é que as pautas são originárias do Palácio do Planalto?**

**Carlos Chagas** - É o que está acontecendo na campanha, que diariamente enche o seu fax de metros e metros de informação e notícia. O comitê do Fernando Henrique não está fazendo nada a mais ou a menos que copiar o sistema de comunicação social do Palácio, que é eficiente, que alimenta os meios de comunicação. Não se reinventa a roda, a imprensa tem que dar notícia e isso é notícia. A oposição produz notícia com o mesmo nível? Não, infelizmente não. O comitê do Lula, de uma semana para cá, está fazendo isso. E nesse momento se pode contrabalançar.

**Adusp - Mas essa cobertura não é a do jornalismo de assessoria de imprensa? As redações esperando os candidatos emitirem os seus releases? Cadê a reportagem?**

**Carlos Chagas** - Talvez eu tenha me expressado mal. Nós procuramos e encontramos fatos, ocorre que, no lado da campanha do Fernando Henrique, vamos atrás de uma imagem ou uma fala e encontramos. Se se vai no Lula, até pouco tempo atrás ele dava pataada nos repórteres: "não vou falar, não quero falar". Não fazemos um jornalismo oficial, noticiamos os fatos que acontecem.

**Adusp - O sr. atuou como secretário de imprensa do governo militar de Costa e Silva. Gostaria de saber se foi discriminado pelos colegas ao deixar o cargo? E mais:**

**arrepende-se de ter assumido aquela função?**

**Carlos Chagas** - Eu era editor político de O Globo e o governo me chamou dizendo que ia acabar com o AI-5. Por causa disso, estava mudando alguns auxiliares e gostaria que eu fosse para lá, para noticiar as reuniões que fazia com os juristas para elaborar um ante-projeto de Constituição e reabrir o Congresso Nacional. Fui e não me arrependo. Fui para executar este trabalho mas, na realidade, os fatos foram completamente diferentes: o Costa e Silva caiu doente (*teve um derrame cerebral*) quando faltava uma semana para completar a onda, ou seja, abrir o Congresso e acabar com o AI-5. Aí o vice-presidente, que pensava como ele e deveria ter assumido, foi preso. Assumi a junta militar e eu pedi minha demissão. Voltei para O Globo mais sujo do que pau de galinheiro. Fui para ser um secretário de imprensa que iria dar a notícia de uma possível abertura, mas acabei sendo aquele que deu a notícia da doença do presidente e da tomada do governo pelos militares. Voltei para O Globo e fiquei sendo visto como assessor da ditadura. Então, só tive uma saída: escrever uma série de 22 páginas de jornal, que saiu no O Globo e no Estadão, sobre aquilo que eu tinha visto. Aquela série me fez ficar de bem novamente com a profissão e com os colegas. Conteí tudo o que tinha acontecido, a sacanagem no governo, aqueles que queriam abrir, aqueles que não queriam abrir, as brigas entre os generais. (*As reportagens renderam a Carlos Chagas o Prêmio Esso de Jornalismo, em 1970*).